A primeira rainha a ser fertilizada artificialmente

D. Joana de Avis (1439 -1475), infanta de Portugal, foi rainha de Castela enquanto esposa do rei Enrique IV de Castela. Apesar deste último ter recebido o cognome de “o Impotente”, o casal régio teve descendência legítima na pessoa de D. Juana de Castela.

O problema disfuncional que causava a impotência a Henrique IV está bem documentado quer por descrições de exames urológicos feitos em vida do monarca, quer por análises aos seus restos mortais efectuadas também no século XX. O rei de Castela não conseguia consumar a cópula, impedido por um constrangimento físico na anatomia funcional do seu pénis.

Mas a necessidade de assegurar descendência legítima, e assim continuar a sua linhagem na coroa de Castela, levou a que medidas “execpcionais” fossem tomadas. Havia uma indicação anterior inscrita na “Lei de Partidas” de Alfonso X de Castela, o Sábio, que autorizava a praticar nos reis de Castela “as mestrias que se façam” para resolver os seus problemas reprodutivos, mas sempre no respeito pelo direito natural tal como proclamado pela Igreja Católica.

E que “mestrias” eram essas? Enrique IV recorreu à “concepção sem cópula” (*sine concúbito*) para engravidar D. Joana de Portugal. Para isto fez chamar um físico (médico) judeu, especialista que terá efectuado essa “mestria” no casal monarca. Estas práticas eram proibidas pela Igreja Católica, mas não pela lei judaica. De facto, está bem documentada o reconhecimento da concepção sem cópula como sendo possível e legítima “pelos sábios judeus da antiguidade, a primeira vez no século V d. C., no Talmud da Babilónia” e existem referências precisas a este tema “nas obras de rabinos judeus dos séculos XIII e XIV da área mediterrânica”.

Quem o escreve é o historiador argentino Marsilio Cassoti, no seu mais recente livro “A Rainha Adúltera”, editado recentemente entre nós pela A Esfera dos Livros. Neste livro é também indicada pelo menos uma fonte que documenta a prática de inseminação artificial ou, poderíamos dizer mais exactamente, inseminação assistida, num texto árabe datado de 1322, no qual se relata a história de um habitante do antigo reino da Núbia ter efectuado aquela “técnica” para inseminar éguas com sémen de cavalos de outros estábulos. Ou seja, a prática da inseminação artificial era conhecida na antiguidade e praticada pelo menos na veterinária.

Neste livro, traduzido por António Júnior, o historiador apresenta, facto após facto, argumento após argumento, documentando-se em fontes históricas bem identificadas, a tese de que D. Joana de Portugal terá sido inseminada artificialmente, ou pelo menos de forma assistida, com sémen de Enrique IV de Castela, através de uma “mestria” conduzida provavelmente pelo físico judeu de nome Yusef bem Yahia. A inseminação decorreu com sucesso, e a 28 de Fevereiro de 1462 nasceria D. Juana de Castela, legitimada pelo Papa Pio II como descendente de Enrique IV de Castela. Mais, a santidade escreve que D. Joana terá concebido “virgem”: “Disseram que se tinha casada com os melhores auspícios e que foi fecundada sem perder a virgindade. Houve quem afirmasse que o sémen derramado na entrada tinha penetrado nos lugares mais recônditos”.

Isto foi o que descobriu a investigação efectuada por Cassotti, dissolvendo um enigma secular, e que acrescenta uma nova visão histórica sobre esse nascimento até agora julgado fruto de uma relação adúltera de D. Joana de Portugal. De facto, uma pesquisa breve pela nternet indica-nos que D. Joana foi afastada da corte e repudiada por Enrique IV de Castela pelas suas relações extraconjugais. Daí o título “A Rainha Adúltera”.

Cassotti sabia, antes de começar a biografia de D. Joana, “que ela teve de fazer frente a uma circunstância política dificilíssima, na qual, tal como nos dias de hoje, se utilizou a manipulação para alcançar fins determinados por uma minoria interessada” na coroa de Castela. Com este livro, e ao longo de 24 capítulos devidamente anotados, o autor pretendeu “destacar a existência de uma personagem feminina e portuguesa, pouco conhecida, que teve a inteligência, audácia e a coragem de querer estender a influência de Portugal sobre Espanha”, em plena época dos Descobrimentos.

Ainda segundo Cassotti, quer a inseminação artificial, quer a disfunção sexual estão indiscutivelmente documentadas “num diário de médico alemão, Hieronimus Munzer, escrito despois de viajar por Espanha e Portugal, entre 1494 e 1495, no qual descreve, segundo Maganto Pavón (um urólogo espanhol actual) uma práctica de inseminação artificial rudimentar”.

No contexto de uma ibéria em vésperas de descobrir novos mundos, Cassotti dá-nos a conhecer aquela que terá sido a primeira inseminação artificial efectuada nas cortes europeias, e repõe justiça numa difamação secular. O passo seguinte seria a análise genética comparada de D. Juana e Enrique IV, a partir dos seus restos mortais, para confirmar que a primeira é filha biológica do monarca. A arqueogenética forense dos nossos dias poderia assim, num exercício interdisciplinar, robustecer e corroborar as fontes históricas documentais. Mas, infelizmente, ambos os restos mortais de mãe e filha desapareceram em infortunas demolições dos edifícios em que estavam sepultadas.

António Piedade

(Ciência na Imprensa Regional – Ciência Viva)

**Ficha bibliográfica**

**Título**: A Rainha Adúltera
**Autor:** Marsílio Cassotti

**Tradução:** António Júnior

**Editora:** A Esfera dos Livros

**Colecção**: História Biográfica
**Número de páginas**:531
**Formato:** 16 x 23,5
**Encadernação:** Brochado
**1ª edição:** Outubro de 2012

**ISBN:** 978-989-626-405-5